

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE SENTIMENTO DE COMUNIDADE

ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA¹
VERÔNICA MORAIS XIMENES²
VILKIANE NATERCIA MALHERME BARBOSA³

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão sistemática sobre sentimento de comunidade. A pesquisa foi realizada na base de dados Redalyc, cujos descritores da busca foram: Sentimento_de_Comunidade OR Sentido_de_Comunidade. Foram selecionados artigos de 2008 a 2021. Foram identificados 207 resultados, sendo selecionados 20 artigos para análises. Dentre os resultados 70% (n=14) fazem referência direta a categoria sentimento de comunidade ou correlatos, como sentido de pertença, senso de pertença ou senso de comunidade, sentimento de pertencimento. 30% (n=6) se referem a apego ao lugar. É válido sinalizar para a importância de produzir sobre sentimento de comunidade e Psicologia.

Palavras-chaves: *Sentimento de Comunidade; Sentido de Comunidade; Psicologia.*

INTRODUÇÃO

O sentimento de comunidade é uma categoria psicossocial que vem sendo trabalhada na Psicologia, especialmente na Psicologia Comunitária, como um construto que pode apresentar pistas sobre as dinâmicas e relações comunitárias, suas tessituras, potencialidades e tensões (SARRIERA et al., 2016). Outras terminologias são correlatadas ao termo, como sentido de comunidade, senso de comunidade, se referindo a essa relação dialógica estabelecida entre indivíduo e comunidade (XIMENES et al., 2019). Sarason (1974) foi o primeiro autor a definir a categoria, e, pensou esta como o sentimento de sentir-se pertencente a um grupo ou comunidade. Adiante, McMillan e Chaves (1986) consideraram que esta categoria

¹ Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Professora da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF), Sobral-CE, Brasil. E-mail: alexsandramss88@gmail.com

² Doutora em Psicologia - *Universidad de Barcelona* (2000) e Pós-Doutorado em Psicologia da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (2011). É professora Titular da *Universidade Federal do Ceará* (UFC) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Fortaleza- CE, Brasil. E-mail: vemorais@yahoo.com.br

³ Doutoranda e mestra (bolsista CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Fortaleza- CE, Brasil. E-mail: vilkimalherme@outlook.com

inclui quatro fatores, sendo estes: ligações emocionais compartilhadas, pertença, influência, e integração e satisfação das necessidades (coletivas e individuais).

Estas conceituações do sentimento de comunidade, pressupõe a comunidade como um espaço de plena harmonia, fortalecimento e vivências coletivas potencializadoras. Contudo, a comunidade é um território, vivo e de disputas, em que coexistem potencialidades e contradições (GÓIS, 2005). Assim, uma das potentes conceitualizações teórico-práticas desenvolvidas mais recentemente, é a proposta por González (2015), que considerando a aproximação do construto com os povos originários, percebem este como a “expressão de *nosotros*”, isto implica, pensar o sentimento de comunidade a partir dos modos de vida e resistências dos povos latino-americanos, e como este pode catalisar transformações das relações sociais injustas e desiguais vividas pelas maiorias populares. Assim, é um convite a reconhecer os modos de vidas dos indivíduos a partir de seus contextos contraditórios e para fomentar estratégias de fortalecimento de identidades coletivas e individuais comunitárias. Todavia, para o sentimento de comunidade embasado sobre a “expressão de *nosotros*”, não existem outros, o que se destaca é o sentido ontológico de um ser comunitário, a partir da construção do comum, que é implicado a mudança social.

No entanto, esta não tem sido a conceituação hegemônica nos estudos, e ainda existem confusões acerca do que seria mesmo o sentido de comunidade, porque as análises empíricas têm considerado que este se modifica de acordo com os sujeitos e territórios que são analisados (MOURA JR et al. 2020). E isto, tem dificultado a construção de sínteses sobre o construto, como também, a identificação de quais categorias se relacionam a estes. Entende-se que este pode fortalecer as relações socio comunitárias para o enfrentamento de mazelas sociais (SARRIERA, et al. 2016). Ademais, como o sentimento de comunidade é afetado pelo contexto vivido, não incomumente, a redução deste em contexto de vulnerabilização, pois, as pessoas tendem a se sentir menos pertencentes, protegidas, com menos apoio social, isso impacta no sentido de comunidade que possuem (MOURA JR et al. 2020; XIMENES et al. 2019). O SC é uma categoria complexa e que pode apontar para diferentes aspectos de uma comunidade. Diante do exposto, o objetivo deste artigo é apresentar uma revisão sistemática sobre sentimento de comunidade.

MÉTODO

Ao buscar apoio em estudos qualificados sobre o assunto, optamos por fazer uma revisão sistemática da literatura (SAMPAIO; MANCINI, 2007; COSTA; ZOLTWSKI, 2014) sobre sentimento de comunidade, com rigor para garantir a qualidade metodológica do trabalho. Para isso, fizemos a busca no Portal CAPES⁴, na base de dados Redalyc, por tratar-se de uma Rede de Revistas Científicas de América Latina e Caribe, Espanha e Portugal, regiões com intensa produção sobre a temática de sentimento de comunidade. O período definido para a busca foi de 2008, ano em que ocorreu a I Conferência Nacional da Juventude Rural no Brasil, a 2021, quando a busca foi realizada. Os descritores e operadores booleanos utilizados consideraram o seguinte arranjo de busca: “Sentimento_de_Comunidade OR Sentido_de_Comunidade”, obtendo-se 207 resultados. Foram utilizados os filtros relativos às áreas de conhecimento: Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Ciências Sociais e multidisciplinares, nos idiomas português e espanhol, por ser uma base latino-americana.

Os critérios de exclusão foram elencados: capítulos de livros; não apresentar o resumo; questões restritas à dimensão econômica de comunidade; escola ou hospital como comunidade; comunidades religiosas, étnicas ou LGBT; temas filosóficos; resumos e resenhas de livros; artigos repetidos, totalizando 187 artigos excluídos (184 excluídos e 3 repetidos). Os critérios de inclusão foram os seguintes: artigos completos com resumos; estudos que tratam sobre sentimento de comunidade, sentido de comunidade ou um de seus correlatos; conceito de comunidade; ruralidades; pobreza, desigualdades sociais; universidade e ensino superior; juventude. No total foram incluídos 20 artigos para análises.

A análise buscou se direcionar para avaliar criticamente o material encontrado. Partiu-se da proposta da Análise de conteúdo, de Bardin (1977), com auxílio do *software* de análise qualitativa *Atlas TI 5.2*. As macros categorias foram: sentimento de comunidade, comunidade e apego/pertencimento. Sistematizamos as micro categorias em fortalecimento e opressão.

⁴ Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já foi mencionado, foi dada a preferência para as publicações nos idiomas português e espanhol, tendo como resultados 10% (n=2) em espanhol e 90% (n=18) em português. Todos eram artigos. Foi possível identificar que o índice de produção foi gradativamente aumentando de 2008 a 2016, com destaque para 2016, liderando o *ranking* das produções com 30% (n=6).

O Brasil mereceu destaque das produções, com ênfase para Pará, São Paulo e Rio Grande do Sul. Sobre a caracterização metodológica, 20% (n=4) das produções foram de nível teórico, enquanto 80% (n=16) foram de campo. Mereceram destaque os estudos de abordagem qualitativa, com 75% (n=15), somando mais da metade das produções encontradas. 15% (n=3) foram de abordagem exclusivamente quantitativa e 10% (n=2) mista. No que tange às pesquisas de campo, dentre os sujeitos participantes, encontrou-se uma grande diversidade de perfis, dentre eles têm-se pesquisas mulheres jovens, jovens imigrantes; estudo comparativo entre jovens migrantes e não migrantes, estudantes universitários, jovens rurais e comunidades.

Sobre as áreas de conhecimento, obteve-se forte presença da área de Psicologia, com 65% (n=13) das produções. Em segundo lugar, mereceu destaque a Sociologia, com 20% (n=4) das produções. Os artigos que tinham como referência de conhecimento a Psicologia e traziam discussões sobre sentimento de pertença, discussão sobre comunidades, vizinhanças e relações comunitárias, pobreza, articulações entre sentimento de comunidade e bem-estar psicológico, memória coletiva, participação comunitária, identidade pessoal e identidade cultural, dentre outras temáticas que apareceram de forma mais secundária.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS ENCONTRADAS NA REVISÃO SISTEMÁTICA

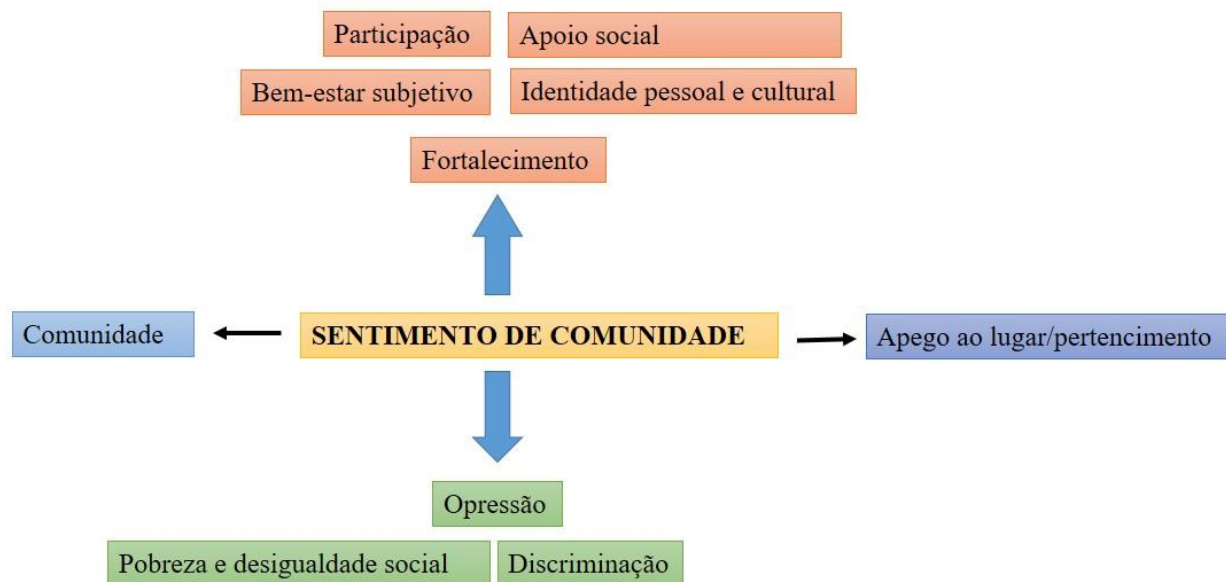
A partir das considerações metodológicas desta revisão sistemática, apresentamos uma tabela sintetizando algumas características dos artigos incluídos. Em síntese, constatamos que 70% (n=14) fazem referência direta a categoria sentimento de comunidade ou algum de seus correlatos, dentre os quais o sentido de pertença, senso de pertença ou senso de comunidade, sentimento de pertencimento. 30% (n=6) do

material se referem a apego ao lugar ou construção de vínculos que ligam o sujeito a comunidade. A seguir, apresentaremos a relação entre as categorias e subcategorias encontradas nessa busca.

SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SUAS ARTICULAÇÕES

Na Figura 1, sistematizamos e organizamos as categorias que explicam e se articulam com o sentimento de comunidade.

Figura 1. Mapa categorial do Sentido de Comunidade.



Fonte: Autoras (2021).

Nos artigos analisados, elegemos duas categorias para compreender o sentimento de comunidade: comunidade e apego ao lugar/pertencimento. A constituição desse sentimento de comunidade exige entender dimensões psicossociais que abrange contextos de opressão e estratégias de fortalecimento. Os contextos de opressão estão

atravessados pela realidade de pobreza, desigualdades sociais e práticas de discriminação, que podem incidir negativamente sobre o sentimento de comunidade; e o fortalecimento que pode se dar através do bem-estar subjetivo, identidade (dimensão pessoal e cultural), participação e apoio social.

MACRO CATEGORIAS: COMUNIDADE E APEGO AO LUGAR/PERTENCIMENTO

Comunidade, apego e pertencimento são conceitos polêmicos e podem ser explorados a partir de diversos ângulos e de várias ciências. Nesse estudo, é importante situá-los e problematizá-los a partir do material encontrado.

Podemos analisar uma dupla perspectiva quando se estuda comunidade: território (dimensão geográfica) e percepção dos sujeitos que a compõem (dimensão sociocultural) (MARTINS; LUCIO-VILLEGAS, 2014; CARREÑO; CALDERA, 2013). Existe ainda a dimensão política, apontada por Sant'Anna (2011) e Caniello (2016). A comunidade também pode assumir sinônimo de bairro (Costa & Maciel, 2009), entendido como espaço físico e afetivo, onde os sujeitos partilham relações sociais. Ribeiro Neto e Avellar (2016) concebem a existência de uma relação dialética entre a singularidade e social, enquanto Sarriera et al. (2016) faz referência aos aspectos físicos e simbólicos da comunidade como preditores do bem-estar.

Para Farias e Pinheiro (2013) a comunidade se caracteriza pelo grau de vinculação que une seus moradores. Segundo Silveira et al. (2016), a depender desses vínculos, podem se constituir fontes de apoio social importantes. É nessa direção que Carreño e Caldera (2013) focam na relação entre seus integrantes e a forma de organização destes, sinalizando a existência de um sentido e de um sentimento que deve estar presente na relação do sujeito com a comunidade.

A relação de apego ou pertencimento foi abordada em 6 artigos, compondo 30% das produções. O apego é o sentimento de pertencimento que compõe a complexa tessitura do conceito de comunidade, é o vínculo afetivo entre a pessoa e o ambiente, gerador de segurança (FAVERO, 2016). Trata-se de relações de investimento emocional para com o ambiente (FARIAS; PINHEIRO, 2013). É entendido aqui como um

aspecto do sentido de comunidade (CASTRO-SILVA et al., 2014), sendo importante não os confundir.

O pertencimento tem a ver com sentir-se incluso na comunidade, sentir-se parte (CANIELLO, 2016), está relacionada a prática comunitária que gera relações valorativas e emotivas (CARREÑO; CALDERA, 2013) e tem a ver com relações íntimas, de confiança que proporciona a construção de uma identidade social (SILVEIRA et al., 2016). Além dessa dimensão pessoal, faz-se presente também na dimensão coletiva, da ação, das palavras e da mobilização (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012).

ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE FORTALECIMENTO

Considerando os trabalhos analisados, encontramos a categoria fortalecimento ou empoderamento em 8 destes, o que representa 40% dos achados. Sendo mais constante a presença do termo fortalecimento, que apareceu em seis trabalhos (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012; CARREÑO; CALDERA, 2013; CASTRO-SILVA et al., 2014; SANT'ANNA et al., 2014; XIMENES, et al., 2020; BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020), enquanto o empoderamento foi utilizado nos dois restantes (SILVA, 2008; RAMOS-VIDAL, 2017).

De tal modo, cabe salientar que empoderamento enquanto conceito é atravessado por uma perspectiva behaviorista, como aponta Carvalho, Ximenes e Bosi (2012), pois se relaciona a uma dimensão individualista, que foca a capacidade do indivíduo de se perceber empoderado tendo enfoque na autoestima. Ademais, optamos pela categoria fortalecimento, por reconhecer que esta epistemologicamente é produzida a partir e da realidade latino-americana. Assim, o fortalecimento é “um processo individual e psicológico que se constitui na experiência grupal em um contexto sócio histórico” (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012, p. 165). E como partimos de uma compreensão que a comunidade é uma unidade análise que é uma interface entre as interações individuais e coletivas do sujeito, compreendemos que o fortalecimento da comunidade tem caráter pessoal e coletivo (CARREÑO; CALDERA, 2013). Deste modo, ressalta-se que o fortalecimento comunitário enquanto estratégia de mudança da

comunidade (CASTRO-SILVA et al., 2014) pode ser um facilitador do desenvolvimento comunitário (MAYORGA, 2020).

Considerando isto, entende-se que haja relação positiva entre o fortalecimento e sentido de comunidade (RAMOS-VIDAL, 2016). Esta perspectiva é reforçada por Sant'Anna et al. (2011), ao estudar intervenções no campo da saúde em comunidades, pois os seus achados apontam para a relevância da interação dos profissionais de saúde com o território comunitário, para a efetividade das ações, e, para que estas produzam efeitos para o fortalecimento do desenvolvimento individual e coletivo da comunidade. Assim, acredita-se que o fortalecimento também possa se apresentar como categoria de análise e intervenção nas práticas de cuidado em saúde mental de universitários pobres no contexto das universidades. Pois, atuar a partir e com o fortalecimento, como aponta Carvalho e Bosi (2012) pode possibilitar que as pessoas possam construir maior conexão consigo, com os demais e com a natureza. O que é propulsor de processos favoráveis à saúde mental dos indivíduos. Nesse sentido, Castro-Silva et al. (2014, p.1) considera que “o forte sentimento de comunidade e a proximidade com as forças políticas da comunidade contribuem com o processo de participação social”. Desta forma, o sentido de comunidade pode ser entendido a partir do fortalecimento e da participação em grupos comunitários (RAMOS-VIDAL, 2017).

Retomando os resultados sobre os achados da pesquisa, vale apontar que a categoria participação foi encontrada em 40% (n=8) destes resultados. Todavia, cabe apontar que a participação se relaciona ao desenvolvimento de atividade para melhorar a comunidade e contribui para maiores níveis de fortalecimento e sentimento de pertença, produzindo uma inter-relação positiva (RAMOS-VIDAL, 2016). Assim, é relevante considerar o caráter participativo presente nas comunidades, que são embasadas em processos indenitários (CANIELLO, 2016) e na participação democrática e cotidiana (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020). Ademais, considera-se que um desafio crucial é o papel dos líderes comunitários, pois estes precisam se atentarem e guiarem suas práticas reconhecendo a diversidade de pontos dos membros da comunidade, o que nem sempre é fácil, porém importante para possibilitar o exercício coletivo de participação (CARREÑO; CALDERA, 2013). Assim, a participação precisa incluir uma dimensão coletiva, mobilização e transformação social (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012), enfatizando a dimensão comunitária

(XIMENES et al., 2020), implicando no fortalecimento comunitário para que se alcance efeitos positivos para o sentimento de comunidade (RAMOS-VIDAL, 2017).

Outra categoria analisada foi o bem-estar que esteve presente em 15% (n=3) dos estudos. Assim, o bem-estar perpassa questões estruturais, contextuais, sociais, pessoais e ideológicas (MOURA JR. et al., 2014). Desta forma, entende-se que sentido de comunidade possa fortalecer o bem-estar. Nesse sentido, Sarriera et al. (2016) analisam que a relação entre sentimento de comunidade e bem-estar psicológico (BEP), defendendo que as relações e a vinculação com a comunidade funcionam como preditores do bem-estar psicológico. Ademais, esses autores também apontam a dimensão social e política do BEP. Hanke e Câmara (2020) afirmam que a participação pode contribuir com o bem-estar e este, por sua vez, favorecer o sentimento de pertença.

Outrora, a categoria analítica de identidade também apareceu nos achados analisados, correspondendo a 35% (n=7) destes. Para Carreño e Caldera (2013) esta categoria analítica perpassa processos de identificação das subjetividades que compõem uma comunidade. E corroborando esta compreensão Carvalho, Ximenes e Bosi (2012) apontam que a identidade é também um processo que se encontra em construção e recriação permanente, que é afetada pela influência do contexto social. Desta forma, compreendemos que as identidades são individuais e, ao mesmo tempo, coletivas, pois envolvem crenças, comportamentos, valores, classe social, raça, gênero etc. (PADILHA, 2014). Nesse sentido, é relevante pensar sobre o contexto do sujeito pobre que, para Moura Jr. et al. (2014) gera uma identidade negada, identidade esta que é afetada por fragilidades e pelos sofrimentos que atravessam as vivências em contexto de pobreza. Ademais, cabe apontar também a identidade cultural que pode ser vista como alicerce para a constituição do sentimento de comunidade e para o processo de garantias para alçar a qualidade de vida nas comunidades (CANIELLO, 2016).

Para tanto, Costa e Maciel (2009) postulam o conceito de memória inclusiva, como resultado do somatório das memórias contadas e histórias de um determinado lugar, crucial para valorização da cultura do lugar. Assim, segundo Farias e Pinheiro (2013) a identidade de vizinhança que se caracteriza pela identidade cultural e por aspectos sociais que implicam em redes de cooperação surgem ao longo do desenvolvimento das tradições culturais. Nesse sentido, considera-se que o sentimento de comunidade é demarcado tanto pelo nível elevado de vinculação como por essas

relações de vizinhanças vivas. Deste modo, a identidade pode fomentar o sentimento de comunidade que caracteriza a própria comunidade (RIBEIRO NETO; AVELLAR, 2016).

Cabe também apontar a categoria analítica de apoio social, que compõe 25% (n=5) dos achados. Assim, Farias e Pinheiro (2013) salientam que as redes de apoio podem ser desenvolvidas a partir dos vínculos entre os vizinhos, podem levar a processos de fortalecimento (Castro-Silva et al., 2014) que são fundamentais para o desenvolvimento do sentido de comunidade (FAVERO et al., 2016; SILVEIRA et al., 2016). Entretanto, Ramos-Vidal (2016) faz um alerta acerca do risco de comprometimento das redes de apoio social frente aos processos de mobilidade, deslocamento e migração. Assim, Silveira et al. (2016) considera que o apoio social pressupõe a construção de relações de confiança, de identidade social e sentimento de pertença.

Considerando as análises realizadas, aprofundar o que se compreende por sentimento de comunidade e/ou sentido de comunidade, pode favorecer o nosso campo de análises, especialmente por considerar que esta categoria é atravessada por aspectos históricos e pelo reconhecimento da comunidade enquanto esse lugar de partida e de possibilidades de intervenção e produção de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, com esse estudo de revisão sistemática que a Psicologia produzida no Brasil e em Portugal têm produzido no campo das discussões sobre sentimento de comunidade. Esse montante de produções anuncia a necessidade de articulações entre essas duas categorias, uma vez que se tenha encontrado condições que evidenciam a necessidade dessa aproximação, especialmente no campo de atuação da práxis da Psicologia. Considera-se que os estudos, em geral, apontam para elementos e categorias fundantes da Psicologia e sua atuação no campo Social, Educacional e Comunitário. No entanto, é necessário repensar a práxis da Psicologia pautada numa perspectiva psicossocial que possa problematizar essa categoria articulada à realidade de pobreza. Isso exige novos olhares e reflexões junto da Psicologia Comunitária, ao problematizar a pobreza e o enfrentamento às adversidades fruto dessa realidade.

No então, pode-se pontuar que sua contribuição está em apontar a complexidade das discussões em torno da saúde mental no Ensino Superior; problematizar a questão da identidade pessoal e cultural, a relação do jovem com sua comunidade de origem, as implicações psicossociais quando deixa de viver na realidade rural e passa a viver na realidade urbana. Tudo isso pressiona pela necessidade de se pensar estratégias de apoio e suporte social que devem ser parte de um conjunto de intervenções psicossociais a serem adaptadas ao contexto da universidade.

Assim, diante do exposto, sugere-se que futuros estudos e pesquisas possam potencializar a articulação entre Psicologia sentimento de comunidade, na dimensão teórica, prática e do compromisso social, contribuindo para visualizar a necessidade dessa categoria junto da realidade da América Latina.

SYSTEMATIC REVIEW ON FEELING OF COMMUNITY

Abstract: The objective of this article is to present a systematic review on feelings of community. The search was conducted in the Redalyc database, whose search descriptors were: Feeling_of_Community OR Feeling_of_Community (in portuguese). A total of 207 results were identified, and 20 articles were selected for analysis. Among the results, 70% (n=14) made direct reference to the category feeling of community or correlates, among which sense of belonging, sense of belonging or sense of community, feeling of belonging. 30% (n=6) of the material refers to attachment to place. It is valid to signal the importance of producing on community feeling and psychology.

Keywords: *Feeling of Community. Community Sense. Psychology.*

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Reto, L.A. & Pinheiro, A. (*trad.*). Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, L.C.; ROSA, D. D.DA; MAYORGA, C. “Comunidades sujas de lama: da destruição à ressignificação e a resistência em Mariana/MG”. In **Psicologia & Sociedade**, 32, e214674. Associação Brasileira de Psicologia Social, 2020. DOI: 10.1590/1807-0310/2020v32214674

CANIELLO, M. “Identidade e qualidade de vida nos Territórios da Cidadania”. Porto Alegre: **Sociologias**, 18(43) (pp. 300-334), 2016. Recuperado de:
<https://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/64671/39191>

CARREÑO, J. S.; CALDERA, Y. “Planificación y participación comunitaria en el contexto universitario”. Caracas: **Investigación y Postgrado**, 28(2) (pp. 61-79), 2013. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/658/65842646004.pdf>

CARVALHO, M. A. A. S.; XIMENES, V. M.; BOSI, M.L.M. “Processos de fortalecimento em um Movimento Comunitário de Saúde Mental no Nordeste do Brasil: novos espaços para a loucura”. Canoas: **Aletheia**, 37(1), (pp. 162-176), 2012. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115026222012.pdf>

CASTRO-SILVA, C. R. *et al.* “Participação social e a potência do agente comunitário de saúde”. Minas Gerais: **Psicologia e Sociedade**, 26(2) (pp. 113-123), 2014. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309332930012.pdf>

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. “Como escrever um artigo de revisão sistemática”. In KOLLER, S. H.; DE PAULA COUTO, M. C. P; HOHENDORFF, J. V. (Org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso (pp. 55-70), 2014.

COSTA, S. L.; MACIEL, T. M. F. B. “Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade”. Rio de Janeiro: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 61(1), (pp. 60-72), 2009. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229019189007.pdf>

FARIAS, T. M.; PINHEIRO, J. Q. “Vivendo a vizinhança: Interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças ‘vivas’”. Maringá: **Psicologia em Estudo**, Maringá, 18(1), (pp. 27-36), 2013. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287127997004.pdf>

FAVERO, E. *et al.* “Percepção de risco ambiental: uma análise e a partir de anotações de campo”. San Juan: **Interamerican Journal of Psychology**, 50(1) (pp. 64-74), 2016. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28446021008.pdf>

GÓIS, C. W. L. **Psicologia comunitária: atividade e consciência**. Fortaleza, CE: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, p. 237, 2005.

GONZÁLEZ, K. I. H. “Resistencia comunitaria de los pueblos originarios: un espacio de acción del psicólogo con la comunidad”. Asunción (Paraguay): **Eureka**, 12, 1 pp. 48-72, 2015.

HANKE, E. S.; CÂMARA, S. G. “Bem-estar na adolescência: papel da cidade e da comunidade”. In **Revista Psicologia e Saúde**, 13(1) (pp. 51-63), 2021. Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia. DOI: <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i1.1029>

MARTINS, V.; LUCIO-VILLEGAS, E. “Teatro do Oprimido como Ferramenta de Inclusão Social no Bairro Horta da Areia em Faro”. Porto: Sociologia, In **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, 4(1) (pp. 57-75). Recuperado de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12944.pdf>

MCMILLAN, D. W.; CHAVIS, D. M. “Sense of community: A definition and theory”. New York (EUA): **Journal of Community Psychology**, 14(1), 6-23, 1986.

MOURA JR, J. F. et al. “Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial”. Ribeirão Preto: **Temas em Psicologia**, 22(2) (pp. 341-352), 2014. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200007&lng=pt&nrm=iso

MOURA JR, J. F.; BARBOSA, V. N. M.; RAMOS, T. O.; SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. “Validação do Índice Breve de Sentido de Comunidade para contextos rurais em situação de pobreza no Brasil”. In **Estudos de Psicologia** (Natal), 25(1), 91-101, 2020. DOI: 10.22491/1678-4669.20200009

PADILLA, B.; ORTIZ, A. “Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa: resultados dum projeto europeu”. Brasília: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 22(42) (pp. 133-158), 2014. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852014000100009&script=sci_arttext&tlng=es

RAMOS-VIDAL, I. “Dinámicas Comunitarias em Desplazados y no Desplazados Residentes en Zonas de Exclusión Social en Barranquilla (Colombia)”. In **Revista de Estudios Sociales**, 60(1) (pp. 49-61), 2017. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.7440/res60.2017.04>

RIBEIRO NETO, P. M.; AVELLAR, L. Z. “Concepções sobre a interação com moradores de residências terapêuticas”. **Psicologia & Sociedade**, 28(1), (pp. 162-170). Associação Brasileira de Psicologia Social, MG., 2016. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822016000100162&script=sci_abstract&tlng=pt

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. “Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica”. In **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 11(1), (pp.83-89), 2007. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

SANT’ANNA, C. F. *et al.* “Comunidade: Objeto Coletivo do Trabalho das Enfermeiras da Estratégia Saúde da Família”. São Paulo: **Acta Paulista de Enfermagem**, 24(3) (pp. 341-347), 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300006>

SARASON, S. B. “The psychological sense of community: prospects for a Community psychology. San Francisco” (EUA): **Jossey Bass**, 1974.

SARRIERA, J. C. *et al.* “Sentido de Comunidade como Promotor de Bem-Estar em Crianças Brasileiras”. Puerto Rico: **Interamerican Journal of Psychology**, 50(1) (pp. 106-116), 2016. Recuperado de: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159187/001015385.pdf?sequence=1>

SILVA, A. L. “Pesquisa-ação participante no processo de empowerment de mulheres brasileiras no contexto da migração internacional”. Escola Anna Nery - **Revista de Enfermagem**, 12(4) (pp. 750-757). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715323020>

SILVEIRA, L. H. C. *et al.* “O Outro Lado da Porta Giratória: Apoio Comunitário e Saúde Mental”. Maringá: **Psicologia em Estudo**, 21(2), (pp. 325-335), 2016. Recuperado de: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/30660/pdf>

XIMENES, V. M.; SILVA, A. M. S.; ESMERALDO FILHO, C. E.; CÂMARA, A. E.; CLARINDO, J. M. “Sentimento de comunidade e pobreza rural no Nordeste, Norte e Sul do Brasil”. In **Revista Subjetividades**, 19(1), 1-13, 2019. Recuperado de: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e7923>

Recebido 17/10/2022. Aprovado em 17/01/2023.